

### Da duração.

Considerarei sempre surpreendente que os chamados filósofos da vida, até inclusive James, não ficaram mais impressionados pela dramaticidade do tempo vivido. A despeito do seu antirracionalismo, a despeito de sua pretensa libertação de conceitos mecânicos e "objetivos", (uma palavra pejorativa na boca dos "Lebensphilosophen") continuaram eles presos pelo conceito mecânico e objetivo do tempo, isto é de um tempo como categoria do conhecimento. Não perceberam, ou perceberam somente em sordina, que a vontade que é em última análise o fundamento metafísico de todas essas filosofias, não passa de um sinônimo do tempo subjetivo. Parece-me absolutamente inevitável para aqueles que subscrevem essa metafísica subjetivista que abram mão do conceito clássico do tempo, e com ele da noção do intemporal e da eternidade, e que aceitem, sem mais subterfúgios, o tempo vivido, isto é a duração, como única realidade. Bergson foi o primeiro a aceitar conscientemente e praxeiramente essa necessidade, que, diga-se de passagem, me parece nefasta. Como Bergson representa, na história do pensamento, uma consequência imediata do pragmatismo, realçando os elementos nietzscheanos dentro do pragmatismo, e formando um elo estreito entre esse e o existencialismo, resolvi falar-lhes hoje de sua filosofia, a despeito de ser Bergson um pouco mais novo. Reservo-me o direito de voltar para alguns pensadores uma meia geração mais velhos nas sextas-feiras seguintes.

Creio que todos aqueles que jamais leram algo escrito por Bergson ficaram impressionados pelas imagens contínuas e quase palpáveis que ele usa. Ele nos convence pela sua força de imaginação e pelo élan das suas ilustrações galopantes. Forçados, entretanto, como o sou eu agora, de dar conta do seu ensinamento, verificamos que ele se reduz a umas poucas ideias básicas repetidas em sempre novos exemplos. Não quero que Vocês interpretem isto como crítica, porque não é a riqueza, e sim a fecundidade das ideias que fazem a grandeza de uma filosofia. Terei, no decurso desta noite, oportunidade de ilustrar a fecundidade de Bergson.

Bergson, como todo francês que se presa, começa com Descartes, e substitui o "cogito sum" por "je dure, donc je suis", duro, portanto sou. O fato de eu pensar, longe de provar a minha realidade, pelo contrário me afasta da realidade. O pensar consiste em conceitos, e os conceitos são entidades claras, distintas, rígidas, enfim mortas, são os excrementos da duração viva e vivida que os deixa no seu caminho, são as cinzas da chama viva da realidade que caem como uma chuva fina na direção oposta da vida em avanço. A razão humana é um instrumento desse élan vital, criado especialmente para compreender e utilizar esses excrementos, essas cinzas. A inteligência se dirige portanto para fora da realidade e se preocupa com a realidade dos conceitos. Ela se sente bem somente nesse campo para o qual ela foi criada, isto é no campo do espaço e do tempo objetivo, no campo da geometria e da física, aonde se situam os corpos inorgânicos, essas irrealidades claras e distintas, esses refúgios da vida. Se eu entretanto virar a inteligência, a razão, para a realidade, isto é para a duração, em outras palavras se eu tentar de refletir, verifico que a razão é totalmente inapropriada. A razão só sabe dividir, analisar, medir, contar, para isto foi criada. Mas a duração não pode ser dividida, analisada, etc., porque ela é o próprio fluxo indivisível. Portanto a duração não pode ser compreendida racionalmente. Aliás, a própria palavra "ratio" quer dizer "divisão". A duração pode ser intuita. Essa intuição, essa visão interna e imediata da minha realidade e da realidade do mundo orgânico que é meu parente, essa visão global do cosmos como uma corrente majestosa da vida dentro da qual eu nado, este amor que sinto em mim por toda forma de vida, por sentir ela minha parente, essa intuição é minha única faculdade de perceber a realidade. O papel da filosofia é portanto despertar a intuição dentro de mim, abrir a minha visão interna para a duração, e libertar o espírito do jugo da razão, e mais especialmente da razão científica, a qual trata de conceitos, portanto de irrealidades mortas.

Isto não obstante, quando Bergson faz funcionar a intuição e nos conta como ela intui a realidade, essa descrição corresponde curiosamente com a imagem do mundo que nos pinta a biologia. Aparentemente, a biologia, a despeito de ser racional, portanto desprezível, parece intuir a realidade, mas essa monstruosidade não parece incomodar Bergson como devia. Ele nos conta intuitivamente, que a realidade consiste numa evolução criadora, e portanto imprevisível da duração, isto é da vida vivida, impelida pelo élan vital, que faz com que ela se projete qual jato de água contra a chuva fina das cinzas mortas, contra os objetos. Esse élan é uma espécie de fome que faz com que a vida coma vorazmente os objetos. O ponto, (se posso usar uma palavra que seria horrível aos ouvidos de Bergson), o ponto onde a vida come, isto é o cume do jato, se chama presente. É o instante vivo.

O jato está saturado por objetos devorados, que formam a memória, mas não posso dizer que a memória seja o passado, já que a memória está presente e disponível na ponta do jato. O passado é um conceito, e portanto carece de realidade. O mesmo vale do futuro, que são os objetos a devorar, portanto uma irreabilidade. A realidade, é bom repetir, é a duração, isto é o instante vivido que avança. Esse avanço tem três direções, o da planta, o do inseto e o do homem. Na planta o élan vital se manifesta como força vegetativa, no inseto como instinto, no homem como intuição, tristemente sufocada pela razão humana. De passagem quero dizer que a definição das plantas como manifestação da força vegetativa me parece um exemplo radiante de uma definição circular, mas vou desprezar essa objeção talvez racional demais para ser aceita por Bergson. De qualquer maneira, os insetos são, aparentemente, mais bem fundados na realidade que o homem, já que não tem inteligência para confundir-los. Esta circunstância autoriza Russell a declarar, que um lado da evolução criadora é formado pelo homem, e o outro pelas formigas e por Bergson.

Repeto que o papel da filosofia é despertar a intuição e fazer com que a razão se cale. Trata-se de um pseudomisticismo pseudo-anticientífico que proíbe a Bergson de construir sistemas. O seu pensamento é anti-teórico, ele tem horror das especulações abstratas. O valor da filosofia é pragmático (porque não dizê-lo), reside no estudo intuitivo e profundo de fenômenos isolados, revelando-os como são, isto é como modificação e movimento. Tudo se move, tudo se modifica, tudo dura, e nisto reside a sua realidade. Um típico estudo intuitivo é aquele que Bergson dedicou à memória. Portanto o valor da filosofia reside no método de filosofar, uma opinião aliás bem franqueza. E isto me conduz para a ética bergsoniana. Não há, evidentemente, valores eternos, porque isto os tornaria irrealis e aplicáveis somente no campo irreal do qual a inteligência nos fala. Dentro da realidade somente tem modificação e movimento, e o bem é aquilo que se enquadra nesse movimento. O élan vital, que faz com que a evolução progrida e seja creadora, é o bem supremo. A evolução, por ser creadora e imprevisível, é livre, e a liberdade humana reside na medida na qual o homem nada dentro da evolução, isto é vive intuitivamente. Na medida em que o homem pensa, isto é na medida em que se inclina para o irreal, para o campo da geometria, ele é determinado. A intuição é o caminho para o Bem, o pensamento para o Mal, em outras palavras. A meta da vida, e portanto da vida humana, é a criação livre e intuitiva, por tanto trata-se de uma ética altamente estética. A bem dizer, não podemos distinguir ética e estética (à parte, naturalmente, que não podemos sensu stricto distinguir nada). É melhor, no caso de Bergson, falar em axiologia. Arte, filosofia e religião se fundem num todo intuitivo que propela o homem para sempre novas criações, novas realizações, em outras palavras vivências sempre mais ricas.

Antes de critica-la, detenhamo-nos um instante diante o aspeto estético dessa filosofia. Trata-se de uma das filosofias mais belas que conheço. Situada como está a meio caminho entre Nietzsche e James, evita tanto a brutalidade sadística de Nietzsche, como a eficiência cinzenta de James, e substitui ambas por uma dramaticidade otimista. Russell diz que se trata de uma filosofia apropriada a uma official de cavaria, mas eu prefiro pensar nela como a filosofia apropriada ao pintor e ao poeta. Rodin, Matisse, Proust, Claudel e Rilke são inimagináveis sem Bergson. A nova procura da intuição em contraste com a inspiração dos românticos, essa pesquisa que o artista faz dentro de si mesmo, essa "recherche du temps perdu" para falar com Bergson através a boca de Proust, é consequência dessa filosofia. Tenho dito que Nietzsche é responsável pela arte dos nossos tempos. Bergson é responsável por uma tendência dentro dessa arte, e, em verdade, Bergson é a consequente elaboração da estética nietzscheana. Talvez, no fundo, toda a filosofia bergsoniana não passe de uma estética elaborada.

Passo agora a uma crítica superficial dessa filosofia. Quando falei em James, disse que se trata de um casamento ilegítimo entre mecânica e biologia. Pois bem, em Bergson eles se divorciam. Pensando bem estamos diante de dois mundos, um revelado pela intuição, o vivo, e o outro revelado pela inteligência, o mecânico e morto. Quanto caminho não percorreu a civilização ocidental desde os gregos, que distinguiram entre o mundo sensível e o mundo concebível. Considerem um instante o que diria Platão se conhecesse Bergson. Esta consideração ajudará para a compreensão da minha afirmativa que o pseudomisticismo bergsoniano é pernicioso. Trata-se de um mundo fluído num sentido muito mais horrível de que o foi o heraclítico. Isto porque não são mais as aparências que fluem, mas justamente a realidade. Berg-

Da duração.

son é otimista, tal qual o foi Nietzsche, e tal qual Marx no sentido oposto, sómente por desconsiderar a morte. Se porém tomarmos em consideração essa situação limitrofe, então, dentro do esquema bergsoniano, a situação absurda, desesperada do homem e a futilidade da atividade criadora da evolução tornam-se patentes, mais patentes talvez de que no próprio Nietzsche. Se realidade e duração são uma e a mesma coisa, e se a essência da duração é o contínuo movimento e a contínua modificação, então não há, para o homem, nenhum fundamento sólido para fincar pé, a existência se torna completamente fútil e sem significado. Na última sexta-feira alguém usou a expressão "loucura subjetivista". Em Bergson essa tendência que caracteriza a filosofia atual, chega ao extremo. As belas imagens escondem aos nossos olhos, e talvez aos olhos do próprio Bergson, o desespero fundamental da sua concepção do mundo e do homem. Que espécie de humanismo é aquele que nos torna irmãos das formigas, mas nega sermos filhos de algo que ultrapassa o fluxo da duração e lhe serve de fundamento? Torna-se evidente aqui, mais de que em qualquer outro "Lebensphilosophen", que esse é um humanismo animalesco. Que espécie de amor à vida é esse pregado por Bergson, que ama o instante e despreza o constante? Talvez em seus efeitos esse amor seja mais simpático que o "amor fati" de Nietzsche, mas é, na minha opinião, um amor falso, uma caricatura. Chamei Bergson de pseudo-místico, e é ele próprio que o confirma inconscientemente. Ele diz ter substituído a "sub specie aeternitatis" spinozana pela "sub specie durationis". Spinoza é um místico autêntico, justamente por amar o eterno, o intemporal dentro daquilo que ele chama de natureza. A frase spinozana "Deus sive natura" tem significado justamente por subentender Spinoza o Eterno com E maiúsculo no seu conceito de natureza. A frase "Deus sive duratio", entretanto, não faz sentido, é ridícula e blasfêmia. A comparação entre Spinoza e Bergson é iluminativa. São os dois maiores filósofos leigos judeus, e ambos procuram a união mística com o mundo que os cerca. Ambos pregam o amor desse mundo. Spinoza o faz racionalmente, "modo geometrico" como ele diz como que querendo zombar de Bergson, e identifica, como era de esperar pela definição que Bergson dá à geometria, o mundo com o Eterno. Bergson o faz intuitivamente e identifica o mundo com o efêmero. Spinoza chega a um humanismo autêntico, o humanismo iluminado (aufgeklaert) dos séculos 17 e 18. Bergson chega a um humanismo inautêntico, aquele humanismo bestial do século 20. Creio que Spinoza e Bergson formam as duas faces da moeda que, como um todo, representa o judaísmo. Ambos renegam a religião judaica, o primeiro para tornar-se uma espécie duvidosa de protestante, o outro, em idade avançada, para se converter ao catolicismo. A conversão de Bergson pode ser interpretada, conforme creio, como um ato de desespero, como um suicídio metafísico, como diria Camus, esse discípulo herético de Bergson. Entretanto podemos verificar, em Bergson, os primeiros sinais de uma reviravolta religiosa da nossa filosofia. Na última sexta-feira eu disse que James representa, ao meu ver, o extremo do pêndulo filosófico em direção à não-religiosidade e ao ateísmo. Com Bergson começa o movimento em sentido contrário, embora subrepticiamente. Encarando de frente a sua possível ridicularização da afirmativa que proporei, digo que Bergson, ao identificar a realidade com duração, a identifica com o diabo. Diabo é tempo linear, isto é tempo vivido, são fundamentalmente idênticos, representam a queda, para falarmos com Camus novamente. A filosofia bergsoniana é autenticamente diabólica, especialmente a sua ética é diabólica, por identificar o Bem com o mutável. O amor bergsoniano é uma imitatio diaboli, para falar scholasticamente. Mas justamente por pregar uma religião do Diabo é que Bergson volta para a religiosidade. A sua conversão ao catolicismo deve ser interpretada dessa maneira.

Além de chamar Bergson de pseudo-místico, chamei ele também de pseudo-anticientífico, e me explico. Por direito deveria usar a palavra pseudo ao quadrado neste contexto. Ele pretende ser anticientífico, porque a ciência é obra da inteligência, portanto ilusória e desprezível. Entretanto, toda a sua filosofia está impregnada da biologia, e o seu anticientifismo é portanto pseudofilosofia, ele abusa da biologia, como o fazem, aliás, todos os filósofos da vida. Em consequência o seu cientificismo é pseudo, ou, em outras palavras, o seu anticientifismo é pseudopseudo, o que equivale dizer que é autêntico num sentido de certo não pretendido por Bergson. A verdade é que Bergson, em sua luta anticientífica, deu uma cambalhota, um exercício pouco edificante num filósofo cheio de dignidade. Acho que posso ser dispensado do esforço de demonstrar o pragmatismo dentro do esquema bergsoniano, já que salta aos olhos. Bergson não passa de um

Da duração. Pragmatista continental e afrancesado. Isto é um pragmatista que despreza o pragmatismo. No campo apropriado a ela a inteligência se comporta em Bergson exatamente como em James, com a diferença que Bergson a despreza. Do ponto de vista de Bergson, James vive no mundo das irrealidades, no mundo da lua. Do ponto de vista de James, Bergson é alguém que compreende a função do pensamento como instrumento de experiência, e, assim mesmo, continúa fazendo barulho.

Bergson é, com Husserl, Dilthey e Hartmann, diretamente responsável pelo surgir do existencialismo. Os existencialistas alemães devem a ele o seu conceito do tempo, da coisa (Ding) como algo ontologicamente diferente da existência (Dasein), e devem a ele o sentido dinâmico da situação humana, o de sermos projetados. Os existencialistas franceses devem quase tudo a Bergson. A sua sombra paira sobre toda filosofia francesa como uma memória sempre presente, para falarmos como ele prefere. Sartre, Camus, Malraux, Merleau-Ponty, todos eles não passam de discípulos, obedientes ou revoltados, de Bergson. Pensando bem, isto é curioso. Como podia um espírito tão inimigo da clareza e distinção conquistar a França? Isto é uma pergunta que não me atrevo a responder, já que ela encerra o problema do antirracionalismo prevalescente em nossos dias, até na própria França, a mãe do racionalismo.

E isto me conduz à consideração com a qual quero encerrar essa exposição lamentavelmente superficial e popularizada: O antirracionalismo de Bergson mostra, mais claramente talvez de que o antirracionalismo dos filósofos que o precedem, que, desprezando a razão, nunca podemos chegar a algo que, para obedecer a Bergson, chamarei de intuição perfeita. A intuição precisa da razão, se quer ~~realmente~~ entrar em contato com aquilo que tradicionalmente foi chamado de "realidade". Sem a razão, a intuição não revela senão a duração, portanto o efêmero: O racionalismo falhou por motivos opostos. A razão sozinha, sem ajuda da intuição, nunca revela a realidade, e sim somente aquilo que Bergson chama com desprezo justificado de "geometria". Da mesma forma falhará, assim o espero, o antirracionalismo dos nossos dias tristes. Creio que podem ser vislumbrados os primeiros sinais de uma integração da razão com a intuição, o que equivale dizer daquilo que se costumava chamar "filosofia perennis".